

Sobre os “jogos de linguagem”

Olavo de Carvalho

Wittgenstein diz que não existe “a” linguagem enquanto tal, mas somente “jogos de linguagem” arraigados numa atividade determinada e numa situação concreta. Como foi possível enxergar uma grande descoberta filosófica numa banalidade que todo estudante de retórica antiga conhece de cor e salteado, é algo que para mim permanece um mistério. Mas os retóricos antigos nunca chegaram ao ponto de negar que a variedade das situações de discurso e dos usos linguísticos ligados a cada uma negasse a existência da linguagem em geral. Se “a” linguagem é um universal abstrato, que obviamente não pode existir em si mesmo mas só nas linguagens – ou jogos de linguagem -- que a exemplificam, negar-lhe toda existência seria proclamar que as espécies existem sem o gênero que as unifica. Saber se este existe “em si mesmo” ou só *in voce*, voltando à antiga querela dos universais, é inteiramente desnecessário, pois até aquilo que existe só *in voce* existe de algum modo, e ademais, onde mais podem existir os próprios “jogos de linguagem” senão *in voce*? Se existem jogos de linguagem, existe linguagem, no mínimo como conjunto abstrato de todos os jogos de linguagem existentes ou possíveis.

Para piorar as coisas, se só existem jogos de linguagem e não linguagem, então não tem sentido falar, como o autor das *Investigações Filosóficas*, de “limites da linguagem”, e sim somente de limites deste ou daquele jogo de linguagem em particular. Mas, em primeiro lugar, isso seria somente uma redundância, de vez que cada jogo de linguagem não consiste em nada mais do que os limites que o distinguem de outros jogos. Cada um deles é limitado por definição. Por outro lado, é óbvio que das limitações dos jogos de linguagem não se pode deduzir nenhum limite “da” linguagem em geral, pois o que caracteriza esta é justamente a possibilidade – que a define – de criar novos e novos jogos de linguagem para um número ilimitado de situações diferentes. Isso é o mesmo que dizer que o que caracteriza a linguagem em geral é precisamente *não ter* limites intrínsecos. A história da literatura documenta o contínuo recuo dos limites do dizível, e ninguém pode decretar, de antemão, onde isso vai parar. Os “limites da linguagem” são apenas temporais e empíricos, são apenas os limites dos jogos de linguagem vigentes num tempo e lugar, o que é o mesmo que dizer: podem ser estudados historicamente, mas não determinados teoricamente.

É curioso que o interesse de Wittgenstein pelos “limites da linguagem” viesse associado ao seu gosto por algo que ele chamava “misticismo”. O conhecimento de Deus não pode ter nada a ver com “transcender a linguagem”, pela simples razão de que Deus não chega a nós – nem nós vamos a Ele – sem ser através do *Logos*, da Fala divina. Esta, por sua vez, é origem, fundamento e garantia da fala humana. Mesmo uma possível experiência de mudez extática não importaria limites à nossa linguagem, mas, bem ao contrário, ampliaria o território dela imediatamente após a cessação desse estado momentâneo, como o testemunham os escritos dos místicos, sem exceção. O mergulho no *Logos* revigora e fortalece a fala humana em vez de tolhê-la. Um interesse por “mística” sem o correspondente interesse pela religião só pode mesmo resultar num estereótipo onde a experiência interior do místico é confundida com a sua aparência exterior de mudez extática.

8 de fevereiro de 2013